

## UNIVERSO INTELECTUAL E INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS NO BRASIL DO SÉCULO XIX

*Raphael Nunes Nicoletti Sebrían*<sup>1</sup>

Abordar a questão do universo intelectual brasileiro no século XIX nos leva quase que obrigatoriamente a analisar este "universo" dentro de um referencial mais amplo ao qual ele, naquele momento, se vinculava. Falamos das instituições científicas aonde a maior parte da produção intelectual era realizada, instituições que em certa medida evidenciavam suas características e divulgavam seus ideais através das obras que seus membros produziam.

O propósito deste trabalho é discorrer brevemente sobre algumas destas instituições, procurando mostrar como durante o século XIX, no Brasil, eram intrínsecas as relações entre projetos – por vezes ambiciosos – de interpretação da sociedade brasileira e a produção de alguns autores.

O início da formação de uma rede de instituições ligadas ao saber no Brasil data do começo do século XIX, com a vinda da corte portuguesa para o país. Pode-se dizer que, com a chegada da corte, se inicia propriamente uma história institucional local. Além disso, formava-se em paralelo uma classe ilustrada nacional que, de certa forma, dependia das instituições criadas pelos portugueses.<sup>2</sup>

Ao processo iniciado por D. João VI foi dada continuidade por seu filho Pedro, que, logo após a independência, apoiou a fundação de novas instituições de saber. Data desta época, por exemplo, a criação das escolas de Direito, fundadas com o intuito de elaborar um código único e desvinculado da tutela colonial, bem como a formação de uma elite intelectual nacional com maior autonomia.

Vinculado de maneira mais ou menos direta às elites econômico-financeiras do país, esse primeiro grupo de "intelectuais" brasileiros, até meados do século XIX, conformava um perfil deveras homogêneo em termos de formação e carreira. Contudo, a partir desse momento, certas diferenças regionais e até mesmo profissionais começam a ser percebidas. Com o crescimento da produção cafeeira, em meados do século XIX, e a progressiva transferência do eixo econômico do Nordeste para o Sudeste do país, ocorre paralelamente uma diversificação entre as várias instituições científicas, fazendo com que os estabelecimentos situados nas proximidades dos novos pólos econômicos fossem privilegiados em detrimento dos demais. Assim, durante o Segundo Reinado, era visível o amadurecimento de grupos intelectuais distintos.

---

<sup>1</sup> Mestrado em História – UNESP/Assis; Bolsista FAPESP.

<sup>2</sup> Cf. SCHWARCZ, L.M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, 2000, p. 23.

Os diferentes impasses pelos quais passava a sociedade brasileira – desmontagem do sistema escravocrata, movimento migratório, conflitos entre oligarquias regionais etc. – encobriam, em seu conjunto, tentativas de esboço de elaboração de uma nova nação, que buscava se libertar das amarras do Império sem ter criado um novo projeto político.

Em meio ao processo de busca de consolidação do Estado Nacional, se viabiliza um projeto de pensar a história brasileira de forma sistematizada. A criação, em 1838, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) aponta em direção à efetivação deste empreendimento, que mantém profundas relações com as propostas ideológicas em curso. Uma vez implantado o Estado Nacional, surgia como tarefa essencial o delineamento de um perfil para a "Nação brasileira", que fosse capaz de garantir-lhe uma identidade própria no conjunto mais amplo das "Nações", de acordo com os novos princípios organizadores da vida social do século XIX.

Todavia, a gestação de um projeto nacional numa sociedade marcada pelo trabalho escravo e pela existência de populações indígenas envolvia dificuldades específicas, fazendo com que a tarefa dos "letrados" <sup>3</sup> reunidos em torno do IHGB fosse a de pensar o Brasil segundo os postulados próprios de uma história comprometida com o desvendamento do processo de gênese da Nação. Esta historiografia definirá a Nação brasileira de forma a dar-lhe uma identidade própria, capaz de atuar tanto externa quanto internamente e fazendo com que, no movimento de definir-se o Brasil, defina-se também o "outro" em relação a este Brasil.<sup>4</sup>

A partir destas questões, o estabelecimento carioca cumpria o papel que lhe fora reservado, assim como aos demais institutos históricos <sup>5</sup> : construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos. Exemplos longínquos dos centros do Velho Mundo – o IHGB foi criado tendo como modelo o Institut Historique de Paris – os institutos brasileiros se propõem a cumprir uma tarefa monumental: "Coligir, methodizar e guardar" documentos, fatos e nomes para finalmente compor uma história nacional. Ao IHGB, coube o papel de demarcar espaços e ganhar respeitabilidade nacional, enquanto aos demais institutos coube a função de garantir as suas especificidades regionais e buscar definir, quando possível, certa hegemonia cultural.

Destaca-se, ainda, a variedade não só geográfica como também temporal das diferentes associações históricas<sup>6</sup>, mas que podem ser entendidas

---

<sup>3</sup> Expressão utilizada por FERREIRA (2002) para designar estes homens que, ao que parece, ainda não podiam ser considerados "intelectuais", considerando-se o sentido que atribuímos hoje a este termo.

<sup>4</sup> Cf. GUIMARÃES, M.L.S. "Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional" In: *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v.1, 1988, p. 05-27.

<sup>5</sup> Sobre as características da produção e atuação do IHGSP e de grupos de São Paulo, ver FERREIRA, A.C. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica* (1870-1940). São Paulo: Editora UNESP, 2002.

<sup>6</sup> SCHWARCZ (2000) constatou a existência de pelo menos vinte institutos históricos e geográficos espalhados pelo país, com diferentes momentos de formação.

enquanto conjunto, enquanto espaços de produção de um saber histórico característico do século XIX e alternativo perante outros centros contemporâneos – como os museus e academias de direito e medicina, além das escolas militares<sup>7</sup>. Além da diversidade do perfil econômico de seus associados, a arregimentação seguiria modelos afastados dos padrões científicos ou acadêmicos observados pelos demais estabelecimentos. Financiados pelo Imperador ou pelos próprios sócios, os institutos caracterizaram-se mais como sociedades da corte, especializados na produção de um saber de cunho oficial<sup>8</sup>.

Tomando como exemplo o IHGB, vemos que as temáticas mais presentes nas análises produzidas por seus agremiados, que tinham como importante veículo de divulgação a Revista do IHGB, foram aquelas ligadas a História, Geografia e às biografias, sendo que, com o passar do tempo, Antropologia e Etnologia assumiram importância crescente dentro da Revista, constituindo um campo separado de atuação. No que se refere à questão racial, difunde-se uma postura dúbia, na medida em que um projeto de centralização nacional implicava também pensar naqueles que ficariam excluídos dele, ou seja, negros e indígenas<sup>9</sup>.

Deve-se ressaltar que as concepções de história defendidas pelos institutos foram passando por modificações com a proximidade do final do século XIX e início do XX. Com a chegada dos primeiros anos do século XX, uma nova forma de entender a história começa a preponderar. Escrever a história significava, então, tomar parte de um debate sobre os problemas do momento e das incertezas do futuro, e se inteirar dos avanços científicos da época.

Fiel a seu projeto original, que pretendia construir "uma história nacional como forma de unir e transmitir um conjunto único e articulado de interpretações" (GUIMARÃES, 1988, p. 17), o IHGB elegia seus pares, ao mesmo tempo em que excluía "os estrangeiros em terras brasileiras", ou seja, os negros, "fator de atraso na civilização". O instituto expressava dessa maneira sua posição no debate que se travava em outros círculos intelectuais da época, tendo como modelo uma história católica, patriótica, permeável a um discurso evolucionista e vinculado à política oficial<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> Vale lembrar que alguns indivíduos formados em estabelecimentos de caráter diverso posteriormente vincularam-se a alguns destes institutos, como é o caso de Euclides da Cunha, formado engenheiro pela Escola Militar da Praia Vermelha, que posteriormente viria a se associar ao IHGB, evidenciando-se aí a função dos institutos de consagrar as elites locais. Sobre a formação de Euclides da Cunha, ver SANTANA (2001) e SEVCENKO (1995).

<sup>8</sup> Neste breve trabalho nos dedicaremos a comentar detidamente apenas a experiência dos institutos – apesar do universo intelectual e institucional ser sabidamente mais amplo –, pois entendemos que eles foram o *locus* privilegiado de produção historiográfica, ainda que não o único, como bem nos lembra FERREIRA (2002), na página 23 de seu livro, citando a obra *História e Memória*, de Jacques Le Goff.

<sup>9</sup> A respeito da presença das teorias raciais no IHGB e nas demais instituições, ver SCHWARCZ (2000).

<sup>10</sup> Cf. SCHWARCZ (2000), p. 117. No caso do IHGSP, esse modelo funcionou de maneira muito semelhante. As atividades realizadas pela associação paulista não diferiam, em grandes traços, das organizadas pelo IHGB. No entanto, existiam particularidades importantes, como por exemplo fidelidades políticas diversas – o Estado imperial para o IHGB, e a República, para

Para além das especificidades políticas e regionais, coube aos institutos a montagem de uma nomenclatura própria, bem como a elaboração de uma agenda com personagens e fatos, da qual os historiadores, até o presente momento, pouco se libertaram (SCHWARCZ, 2000, p. 133). Presos a um projeto de caráter enciclopédico, que encontrava ordem e encadeamento onde existiam apenas eventos singulares em sua experiência regional, esses profissionais se comprometeram com a construção de uma história nacional que, tendo o presente em mira, forjava o passado em tradição.

Os institutos corporificaram, pois, o local para a criação de discursos oficiais sobre o país, bem como o espaço reservado a um discurso enaltecido da nação. Longe do pessimismo dos médicos baianos, do ceticismo dos professores da Escola de Recife e do cientificismo dos naturalistas dos museus etnológicos, os diferentes institutos persistiam na interpretação positiva da realidade. O futuro era incontestavelmente previsível e seguro. Em meio a um ambiente, em fins do século XIX, tomado por insegurança no porvir e por diagnósticos nada encorajadores, os institutos históricos significaram uma grande exceção<sup>11</sup>.

Por fim, cabe lembrar que, a partir do início do século XX, o "universo intelectual" brasileiro começa a passar por transformações que modificarão completamente seu perfil até meados do século. Os intelectuais brasileiros conquistaram cada vez mais autonomia dentro de seu campo de atuação e, com a profissionalização do historiador – e também de outros campos de estudos –, não mais *homme de lettres*, mas um indivíduo que adquire o estatuto de pesquisador, tal como seus pares de produção intelectual, as instituições privilegiadas como locus da produção intelectual e principalmente historiográfica passam a ser outras, com destaque evidente para a universidade<sup>12</sup>.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, A.C. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GUIMARÃES, M.L.S. "Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional", *in: Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v.1, 1988, p. 05-27.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

---

o instituto paulista. Assim, em essência, o IHGSP acabava por ser um estabelecimento que não se furtava de sua missão de defender sua especificidade regional. Quanto ao "modelo bandeirante" de se fazer história, ele predominou na produção do IHGSP. A respeito da "epopéia bandeirante" em busca da construção da identidade paulista, da qual fez parte o IHGSP, ver FERREIRA (2002).

<sup>11</sup> Cf. SCHWARCZ (2000), p. 137. A respeito das demais instituições mencionadas, consultar esta mesma obra, onde a autora discute mais detidamente cada um dos projetos de interpretação nacional.

<sup>12</sup> A respeito do lugar ocupado pelos intelectuais na sociedade brasileira a partir do início do século XX, ver MICELI (2001), SEVCENKO (1995).

SANTANA, J.C.B. *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*.

São Paulo: Hucitec/Feira de Santana: UEFS, 2001, p. 39-142.

SCHWARCZ, Lília Maria. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.